

A FORMAÇÃO DOS JORNALISTAS DIANTE DOS IMPACTOS DAS TECNOLOGIAS NA VISÃO DE DOCENTES UNIVERSITÁRIOS GOIANIENSES

Tatiana Carilly Oliveira Andrade¹
Ana Carolina Temer²

RESUMO

Este artigo tem como tema a formação dos jornalistas na atualidade em que as tecnologias da informação e comunicação oportunizam modelos comunicacionais dialógicos, interativos e instantâneos, modelos disruptivos de negócios na área da comunicação, mudanças no comportamento do público em relação a audiência, possibilidades de uso de novas ferramentas tecnológicas e diversas plataformas digitais no processo de produção e difusão da notícia. Diante da evolução tecnológica na área da comunicação, esse estudo tem como objetivo discutir a formação dos jornalistas diante dos impactos das tecnologias da informação e da comunicação na percepção de docentes universitários goianienses. Para tanto o percurso metodológico se deu por meio de pesquisa bibliográfica pautada em autores que se dedicam à discussão e reflexão do tema proposto, bem como pela aplicação de questionário junto a docentes que se dedicam em nível de graduação ao ensino do jornalismo em Goiânia, buscando a percepção dos mesmos sobre a formação de jornalistas.

Palavras-chave: Tecnologias, era digital, formação superior em jornalismo, ensino do jornalismo.

THE TRAINING OF JOURNALISTS IN THE FACE OF THE IMPACTS OF TECHNOLOGIES IN THE VIEW OF UNIVERSITY TEACHERS FROM GOIANIA

ABSTRACT

This article focuses on the training of journalists in today's context, where information and communication technologies enable dialogical, interactive, and instantaneous communication models, disruptive business models in the field of communication, changes in audience behavior, possibilities for using new technological tools, and various digital platforms in the news production and dissemination process. Given the technological evolution in the communication field, this study aims to discuss the training of journalists in light of the impacts of information and communication technologies, as perceived by university professors in Goiânia. The methodological approach included a bibliographic review based on authors dedicated to discussing and reflecting on the proposed topic, as well as the application of a questionnaire to professors teaching journalism at the undergraduate level in Goiânia, seeking their perceptions regarding journalist training.

Keywords: Technologies, digital era, higher education in journalism, journalism teaching.

Recebido em 10 de dezembro de 2024. Aprovado em 30 de dezembro de 2024

¹ Pós-doutoranda da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás (FIC- UFG), Coordenadora da Equipe Multidisciplinar de Produção de Conteúdo e do Núcleo de Inovação e Tecnologias Educacionais do Centro Universitário Araguaia (Uniaraguaia). E-mail: tatianacarilly@gmail.com

² Pós doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Universidade Federal de Pernambuco. Professora Visitante da Universidade Federal de Goiás e Orientadora de Doutorado e Pós-Doutorado. E-mail: anacarolina.temer@gmail.com

No artigo *A trajetória dos currículos mínimos no Brasil par aos cursos de jornalismo/comunicação: perfis formativos e modelos em disputa*, a pesquisadora Michelle Roxo de Oliveira (2023) remonta o histórico dos cursos de Jornalismo no Brasil. O número de instituições que ofereceriam o curso de Jornalismo também cresceria nas décadas seguintes, principalmente com a regulamentação da obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão em 1969. Ainda de acordo com a autora, os primeiros cursos de jornalismo eram subordinados às faculdades de Filosofia e Letras, atendendo normas legais em vigor naquela época, com duração de 3 anos. Em um segundo momento o currículo mínimo sofreu alteração, havendo a introdução de disciplinas novas como Teoria da Informação, Jornalismo Comparado e Redação de Jornalismo, e passou a ter duração de 4 anos. Incorporava-se aí a ideia do jornalista polivalente. Segundo Oliveira,

Quando comparado ao documento anterior, o novo currículo apresenta preocupação mais significativa em dotar os jornalistas do instrumental e de habilidades específicas consideradas necessárias ao desempenho profissional. À luz do contexto político e econômico desse período, é possível afirmar, seguindo Maria Helena Weber (2000, p. 170), que o currículo de 1966 respondia às exigências do mercado de trabalho, mas também “trazia as marcas do novo modelo de desenvolvimento que o regime militar pretendia (Oliveira, 2023, p.21)

Com o desenvolvimento do sistema de telecomunicações, a modernização das indústrias e serviços midiáticos, os cursos superiores de Jornalismo passam a ser graduação em Comunicação Social, no final da década de 1960, quando também a formação jornalística se torna indispensável para o exercício da profissão, havendo incongruência entre a legislação e o novo currículo que tornou a área subordinada à Comunicação Social, destaca Oliveira (2023). Além disso, atendendo a anseios políticos de uma formação mais voltada para o treinamento instrumental, atendendo a ideia dos militares de desfocar o ensino das questões políticas. A adequação desse currículo traria nova orientação retomando a importância da formação política, porém ainda mantendo o foco tecnicista do curso que passou a um tronco comum e profissionalizante, dividindo o perfil dos docentes em acadêmicos e práticos. A autora mostra ainda como se deu o início do movimento capitaneado por grandes empresas do setor, como o Jornal Folha de São Paulo, contra a obrigatoriedade do diploma de Jornalismo na virada da década de 1980, com a proposta de extinção dos cursos de Comunicação.

De acordo com Andrade (2011), a Resolução 02/84 do Conselho Federal de Educação/MEC (CFE) estabeleceu o currículo mínimo para a formação dos comunicadores sociais em suas diferentes habilitações – Jornalismo, Publicidade de Propaganda, Relações Públicas, Editoração, Radialismo e Cinema. Esse quinto currículo passou a exigir a contratação de profissionais ligados diretamente ao mercado e laboratórios devidamente equipados de modo a compensar a perda do estágio obrigatório. Porém, Oliveira (2023) chama a atenção para o fato de que dez anos passados da publicação dessa resolução

[...] parte dos cursos de Comunicação continuava a descumprir as determinações do CFE em relação às práticas laboratoriais (MATTOS, 1994). Lopes (1994, p. 43) observava, à época, que muitas instituições ainda mantinham redações com máquinas de escrever antigas (enquanto o mercado estava informatizado nas principais capitais), ou ainda ministravam, “sem o mínimo de equipamentos”, disciplinas como Radiojornalismo e Telejornalismo. Ou seja, as escolas continuavam a desenvolver processos de treinamento profissional associados à era pré- computador, situação que gerava inúmeras críticas em relação à inadaptação dos diplomados às exigências produtivas correntes no mercado. (Oliveira, 2023, p.43)

Segundo Andrade (2015), na década de 1990 foram estabelecidas leis voltadas para a regulação superior no Brasil, que flexibilizaram e ampliaram o sistema, diminuindo a intervenção estatal. Importante ressaltar que a Lei n.9.394/96 de Diretrizes Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) e o Plano Nacional de Educação, reforçaram as políticas neoliberais, incentivando a privatização da educação. A pesquisadora Isaura Belloni (2008) avalia que a LDB/1996 não apresentou melhorias para o ensino superior, bem como demonstra o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes), criado em 2004 com a finalidade de avaliar o ensino superior e verificar a qualidade dos cursos e instituições brasileiras.

Nos anos de 1990 a jornalista Isabel Travancas (1993) chamava a atenção para a profissionalização do jornalismo, apresentando de forma didática em sua obra *O mundo dos jornalistas* o funcionamento de uma redação, as diferentes funções jornalísticas, os departamentos interligados jornalismo-comercial, seguindo o modelo norte-americano orientado pela lógica empresarial. As lutas trabalhistas e a chegada dos computadores às redações pondo fim aos ruídos das máquinas de escrever também foram destaques no texto da autora. Até então era inimaginável a forma como as redações se remodelaria com os impactos das tecnologias na área jornalística. Mas, não só as redações, como também os profissionais e o modo de produção jornalística.

Nos anos 2000, Marcondes Filho (2002, p.36) chamava a atenção para o foco tecnicista na formação do jornalista. Sobre isso, ele faz a seguinte consideração: “Bom jornalista passou a ser mais aquele que consegue, em tempo hábil, dar conta das exigências de produção de notícias do que aquele que mais sabe ou que melhor escreve. Ele deve ser uma peça que funciona bem, “universal”, seja, acoplável a qualquer altura do sistema de produção de informações”.

Segundo Oliveira (2023), os cursos de comunicação Social estiveram sob a influência desse quinto currículo até o início dos anos 2000, quando foram estabelecidas as diretrizes dos Cursos de Comunicação Social, conforme Parecer CNE/CES 492/2001 de 03 de abril de 2001 e a Resolução CNE/CES 16, de 13 de março de 2002, seguindo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) promulgada em 1996, que estabeleceu as diretrizes curriculares como parâmetros para os cursos de graduação, dando às instituições de ensino mais autonomia para fixar o currículo de seus cursos.

Essas diretrizes ainda mantiveram o Jornalismo como uma habilitação do campo da Comunicação e ainda não deram ênfase às questões tecnológicas que transformariam o modo de produção e distribuição do jornalismo, como pode ser observado no item de competências gerais e específicas indicadas no Parecer CNE/CES 492/2001 de 03 de abril de 2002.

Em 2009, o Supremo Tribunal Federal suspendeu a exigência do diploma de Jornalismo para o exercício da profissão, atendendo as tentativas de enfraquecer o campo jornalístico iniciada por grandes grupos da comunicação no Brasil e à interesses políticos iniciado na década de 1970. Neste mesmo ano é publicado o Relatório da Comissão de Especialistas das Novas Diretrizes Curriculares de Jornalismo (BRASIL, 2009), que foi organizado para repensar o ensino de Jornalismo. O documento revela os impactos da tecnologia na área como se observa a seguir:

O Jornalismo entrou no século XXI em estado de crise. [...] O estado de crise resulta da superação de tais conceitos pela realidade nova, moldada no ambiente criado pelas modernas tecnologias de difusão. E a mais importante decorrência da vertiginosa evolução tecnológica é, sem dúvida, a irreversível expansão de práticas e estruturas de democracia participativa, com sujeitos sociais dotados de alta capacidade de intervenção na vida real de nações e pessoas. (Brasil, 2009, p.05-06)

Em 2013, entraram em vigor as novas diretrizes curriculares para o curso de Jornalismo, conforme a Resolução n. 1 do CNE/CES, de 27 de setembro. A partir dela o Jornalismo deixa de ser

compreendido como uma habilitação da Comunicação Social e ganha autonomia. Essas diretrizes indicaram também o estágio supervisionado orientado em novas tecnologias, além de destacar a importância do preparo dos alunos para atuar em ambientes jornalísticos multimidiáticos e diferentes plataformas digitais.

Nesse mesmo ano, o pesquisador Sérgio Mattos (2013) instigava o debate sobre os desafios enfrentados pela comunicação na era digital. Dentre eles o autor elencava: a busca por novos modelos de negócios das empresas jornalísticas, o poder das redes sociais e os impactos no jornalismo, a convergência das mídias no cyberspaço, o fim do monopólio do jornalista como produtor exclusivo da notícia e das empresas de comunicação como únicas distribuidoras de notícias.

Dez anos se passaram após a publicação das Diretrizes dos Cursos de Jornalismo, em 2013. A evolução tecnológica continua em passos apressados. No prefácio da obra *Ensino de Jornalismo na*

Contemporaneidade: perspectivas e provocações (2023, p.10), os professores Fabiano Ormaneze e Francisco Gilson Rebouças Porto Júnior convidam os leitores à “reflexão sobre os caminhos percorridos ou ainda a percorrer na formação de novos jornalistas”, elencando algumas transformações relevantes na área jornalística:

[...] as novas diretrizes curriculares, o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade), a extinção da obrigatoriedade do diploma, a migração de redações para ambientes digitais, a emergência das redes sociais como espaços informativos e de investigação jornalística, as tênues linhas entre informação e entretenimento, a proximidade cada vez maior com outros campos de estudo, além das imposições da pandemia de Covid-19, [...] Some-se a isso o fato de que, na primeira década do século XXI, houve uma grande expansão no número de cursos nessas áreas no Brasil, inclusive no interior. (JÚNIOR, ORMANEZE, 2023, p.10)

Diante do exposto, buscando compreender o tema proposto, esse artigo se debruçou em discutir e refletir sobre a formação dos jornalistas diante dos impactos das tecnologias no jornalismo na percepção de docentes universitários goianienses, de modo a dar voz a esses profissionais sobre os desafios e possibilidades que os avanços das tecnologias da informação e comunicação trouxeram para a formação de jornalistas. Para tanto, o percurso metodológico se ateve à pesquisa bibliográfica³ e à aplicação de questionário estruturado⁴ intitulado *A formação dos jornalistas diante dos impactos das tecnologias na visão de docentes universitários goianienses*, que foi disponibilizado nos meses de novembro e dezembro de 2023 de forma *online* utilizando o formulário *Google Forms*. O questionário estruturado foi composto por questões objetivas e subjetivas e pode ser apreciado no seguinte link: <https://docs.google.com/forms/d/1ZsZU8vwcVkpeojSS5PVzo-arfv4AqC7Nf5JbBIHB0zw/edit>. Ao todo obteve-se 16 respondentes, com o seguinte perfil: 14 deles atuam atualmente como docente e 2 além de serem docentes, desempenham também a função de coordenação de curso. Doze ministram disciplinas práticas específicas do jornalismo/comunicação, 3 lecionam disciplinas teóricas específicas do jornalismo e 1 trabalha com disciplina de eixo-comum aos cursos de Comunicação, exemplo: língua portuguesa, antropologia, filosofia, entre outras. Ainda

³ Segundo Jorge Duarte (2009, p.51) “visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico.”

⁴ Segundo Antônio Gil (2011, p.128) o questionário é “a técnica de investigação composta por um número elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc.”

traçando um perfil respondentes, 3 lecionam a menos de cinco anos no Ensino Superior de Jornalismo, 5 lecionam há mais de cinco anos, 2, há mais de dez anos, 3 a mais de quinze anos, 3 a mais de 20 anos.

Dos respondentes 75% consideram que a formação do jornalista em nível superior acompanhou a evolução tecnológica. Nas palavras deles observam-se as seguintes justificativas: “Acredito que o uso das diversas tecnologias digitais auxiliaram na formação e no conhecimento técnico deste profissional” (Informação verbal)⁵; “As escolas de jornalismo tem adequado grade, matriz se esforçando nesse sentido”(Informação verbal)⁶; “Como exemplos dessa evolução na formação dos futuros jornalistas temos: (1) discussão sobre o uso de mídias sociais para práticas jornalísticas; (2) utilização de aplicativos online e softwares para produção de conteúdos jornalísticos multimídia” (Informação verbal)⁷.

Alguns desses respondentes mesmo respondendo que sim justificaram que as instituições estão em processo de acompanharem a evolução tecnológica:

Eu acredito que estamos no meio do processo. Há mudanças significativas acontecendo na forma de ensinar e nos conteúdos em si, mas o o ritmo dos cursos de graduação em Jornalismo ainda está um pouco lento se consideramos a velocidade das transformações do mundo no que diz respeito à tecnologia e seus impactos. (Informação verbal)⁸

Cerca de 80% dos respondentes afirmam que os cursos de Jornalismo em nível superior estão se adaptando aos avanços tecnológicos. As justificativas indicaram que isso pode ser percebido na readequação de matriz curricular, oferta de oficinas e workshops: “Vejo essa adaptação na maior recorrência de palestras e workshops que discutem esses avanços tecnológicos e também na mudança da matriz curricular”. (Informação verbal)⁹

Ainda sim, vinte e cinco por cento dos respondentes consideram que os cursos de jornalismo não acompanharam a evolução tecnológica. Segundo eles, o ensino ainda se baseia no modelo tradicional e a grade não acompanha as novidades ditadas pelo mercado. Nas palavras deles: “Assim como a maior parte das graduações, a formação ainda é baseada em formas de fazer tradicionais” (Informação verbal)¹⁰; “Em muitas instituições a grade curricular fica parada no tempo e o mercado pede dinamicidade (Informação verbal)¹¹. E ainda:

As grades dos cursos são montadas por docentes com formação, em sua maioria, diversa à área da comunicação. A maior parte dos professores mais antigos são doutores/mestres em sociologia, letras, filosofia e áreas correlatas -- o que tem seus benefícios, mas também traz limitações severas quanto ao entendimento concreto sobre as implicações de certos tipos de tecnologias na Comunicação (e não em qualquer outra área) e, mais especificamente, no Jornalismo. Mesmo quando os docentes têm formação na área de Comunicação, a perspectiva pela qual lidam com as tecnologias ainda é aquela sacramentada no século XIX: ficaram presos no discurso da neutralidade das tecnologias, com a percepção míope de que importa

⁵ Resposta discursiva de respondente ao questionário aplicado pelas autoras desta pesquisa.

⁶ Resposta discursiva de respondente ao questionário aplicado pelas autoras desta pesquisa.

⁷ Resposta discursiva de respondente ao questionário aplicado pelas autoras desta pesquisa.

⁸ Resposta discursiva de respondente ao questionário aplicado pelas autoras desta pesquisa.

⁹ Resposta discursiva de respondente ao questionário aplicado pelas autoras desta pesquisa.

¹⁰ Resposta discursiva de respondente ao questionário aplicado pelas autoras desta pesquisa.

¹¹ Resposta discursiva de respondente ao questionário aplicado pelas autoras desta pesquisa.

como as pessoas usam essas tecnologias, e não como os próprios dispositivos disciplinam certos tipos de uso. Mais: não entendem (e não querem entender), como essas tecnologias funcionam, mas ainda veem-se no direito de julgar como devemos usá-las ou estabelecer preconceitos e vieses na programação (que não conhecem e não querem conhecer). O problema disso é que, desse jeito, os docentes/pesquisadores que se comportam dessa forma não sabem muito mais do que qualquer um fora dos muros da universidade sobre o WhatsApp, sobre o celular ou a rede social do momento. E se isso for verdade, qual valor efetivo o "conhecimento" que têm produzido tem a oferecer? Como ele pode ser capaz de orientar currículos? (Informação verbal)¹².

Dentre os desafios enfrentados pelos programas de formação de jornalistas ao acompanhar a rapidez da evolução tecnológica e seus impactos na área, o questionário aplicado elencou: falta de recursos econômicos, atualização constante dos currículos, necessidade de docentes especializados, atualização de laboratórios. As respostas mais indicadas foram a necessidade de docentes especializados (87,5%); atualização constante de currículo e atualização de laboratórios (ambos com 62,5%) e falta de recursos econômicos (50%).

Todos os respondentes acham importante a formação do discente no uso de tecnologias da informação. Destacam-se dentre as informações verbais dos respondentes, o uso e o conhecimento da tecnologia ser imprescindível para o exercício profissional do jornalista. “Não é possível, hoje, o fazer jornalístico sem esse conhecimento (Informação verbal)¹³. “É uma forma de acompanhar o desenvolvimento, sem essa formação haverá impossibilidades de atuação no futuro próximo” (Informação verbal)¹⁴. “As mudanças tecnológicas estão cada vez mais integradas ao cotidiano social e não há como o Jornalismo simplesmente ignorar essa realidade. Por isso, é fundamental ensinar o aluno a se apropriar desses recursos de forma segura, ética e comprometida” (Informação verbal)¹⁵.

Dentre algumas habilidades tecnológicas prioritárias que os jornalistas modernos precisam adquirir em sua formação, sendo elencadas: Edição de Vídeo, Programação Básica, Análise de dados, Literacia Digital, Jornalismo Móvel, Inteligência Artificial, Compreensão de Ferramentas Tecnológicas, as respostas mais escolhidas foram Análise de dados e Compreensão de Ferramentas Tecnológicas (ambas com 93,8%); Inteligência Artificial (87,5%); Literacia Digital (83,1%); Edição de Vídeo e Jornalismo Móvel (ambas com 75%); e Programação Básica (43,8%).

Levando em conta os dilemas éticos apresentados pelas tecnologias de informação, a ética digital ainda é abordada na formação de jornalismo de forma insipiente, muitas vezes em disciplinas como Ética e Legislação ou eventos científicos ou profissionais, segundo os respondentes. Nas palavras deles, a ética digital é abordada: “De forma ainda utópica” (Informação verbal)¹⁶. “Sem a atenção necessária. Além de muitos docentes que estão fora do mercado de trabalho e desatualizados do movimento tecnológico das redações” (Informação verbal)¹⁷. “Deveria ser de forma mais aprofundada, porém o que vejo, tem sido de forma superficial” (Informação verbal)¹⁸.

Questionados se o curso de jornalismo da(s) instituição(ões) em que trabalha, tem incorporado o jornalismo móvel na formação do jornalista, 75% responderam que sim e 25%, que não.

¹² Resposta discursiva de respondente ao questionário aplicado pelas autoras desta pesquisa.

¹³ Resposta discursiva de respondente ao questionário aplicado pelas autoras desta pesquisa.

¹⁴ Resposta discursiva de respondente ao questionário aplicado pelas autoras desta pesquisa.

¹⁵ Resposta discursiva de respondente ao questionário aplicado pelas autoras desta pesquisa.

¹⁶ Resposta discursiva de respondente ao questionário aplicado pelas autoras desta pesquisa.

¹⁷ Resposta discursiva de respondente ao questionário aplicado pelas autoras desta pesquisa.

¹⁸ Resposta discursiva de respondente ao questionário aplicado pelas autoras desta pesquisa.

Questionados sobre de que forma tem ocorrido essa incorporação do jornalismo móvel na formação dos jornalistas, grande parte dos respondentes apontaram que as disciplinas práticas têm sido utilizadas também para esse fim, bem como oficinas práticas. Um dos respondentes aponta para o papel do docente como ativo nesse processo: “Na realidade parte do próprio docente em incorporar este ensino nas disciplinas que ministra, e digo isso por mim, por sentir que para ministrar disciplinas práticas específicas, depende de mim fazer essa incorporação” (Informação verbal)¹⁹. Outro respondente sinaliza para o fato de que essa incorporação esteja ocorrendo de forma parcial: “Embora a resposta tenha sido sim, a incorporação tem sido de forma parcial e ao mesmo tempo precária, principalmente pela falta de estrutura e disponibilidade de tempo remunerado para trabalhos externos pelo professor” (Informação verbal)²⁰.

O esforço das instituições em oferecer formação voltada para o debate sobre os impactos das tecnologias na área jornalística também é notável pela maioria dos respondentes, sendo que 81,3% afirmam que que isso ocorre para além das disciplinas, mas também em cursos de extensão, palestras. Dentre os exemplos citados pelos respondentes para demonstrarem de que forma esse debate tem sido fomentado citam-se: “Uso de celular para fotografar e editar vídeo” (Informação verbal)²¹, “Palestras sobre uso de IA no jornalismo, os desafios da era digital para o trabalho jornalístico” (Informação verbal)²², “Visitas técnicas, jornada científica” (Informação verbal)²³.

Questionados sobre se consideram que as disciplinas ofertadas em EaD podem contribuir com o letramento digital dos alunos, já que para cursá-las o aluno terá acesso a um ambiente virtual de aprendizagem, com uso de ferramentas digitais, 56,3% afirmaram que sim; e 43,8%, que não. Nas palavras desses últimos apresentam-se as seguintes considerações: “Esse letramento digital é adquirido com ensino, acompanhamento, instrução. (Informação verbal)²⁴. E ainda:

Da forma como vem sendo ministradas as aulas de EaD não contribuem para a formação adequada dos alunos, principalmente, pela falta de interação. O melhor seria a oferta por aula on-line, com estruturas adequadas para que o professor consiga promover a interação dos alunos durante as aulas e nas atividades práticas. (Informação verbal)²⁵.

Não basta apenas acessar plataformas. É preciso se apropriar de ferramentas de forma crítica, intencional e estratégica. Por isso julgo insuficiente o acesso puro e simples. Elas até favorecem o contato com o ambiente digital como um todo, mas é preciso ter outras estratégias envolvidas. (Informação verbal)²⁶.

Não, porque a maior parte das tecnologias utilizadas em disciplinas EaD (em modalidade necessária e importante, quando realizada devidamente) nada têm a ver com as tecnologias utilizadas em redação para, por exemplo, produzir uma reportagem. Enquanto o acesso a conteúdos EaD passa pela literacia em Moodle, YouTube ou o Google Workspace, uma reportagem para a web em bases de dados, por exemplo, poderia utilizar o Pinpoint, scripts em R ou o DataWrapper. (Informação verbal)²⁷.

¹⁹ Resposta discursiva de respondente ao questionário aplicado pelas autoras desta pesquisa.

²⁰ Resposta discursiva de respondente ao questionário aplicado pelas autoras desta pesquisa.

²¹ Resposta discursiva de respondente ao questionário aplicado pelas autoras desta pesquisa.

²² Resposta discursiva de respondente ao questionário aplicado pelas autoras desta pesquisa.

²³ Resposta discursiva de respondente ao questionário aplicado pelas autoras desta pesquisa.

²⁴ Resposta discursiva de respondente ao questionário aplicado pelas autoras desta pesquisa.

²⁵ Resposta discursiva de respondente ao questionário aplicado pelas autoras desta pesquisa.

²⁶ Resposta discursiva de respondente ao questionário aplicado pelas autoras desta pesquisa.

²⁷ Resposta discursiva de respondente ao questionário aplicado pelas autoras desta pesquisa.

No sentido contrário a esses respondentes, há os que consideram que a oferta de disciplinas em EaD contribuem para o letramento digital do discente. Sobre isso afirmam:

“As disciplinas EaD acabam tirando o aluno da zona de conforto e o colocam em um lugar de mais independência e autonomia” (Informação verbal)²⁸; “A estrutura de um curso EaD, naturalmente, deve estimular no discente o uso dessas tecnologias. Por isso, a partir das atividades ao longo do curso, o discente é provocado a lidar com situações em que ele deverá utilizar as tecnologias digitais” (Informação verbal)²⁹; “O fato de ser EaD já por si só permite que o aluno possa aprender e utilizar algumas das ferramentas tecnológicas em uso atualmente, o que pode tanto contribuir como também deixar suas falhas para o aprimoramento ou não do profissional do futuro. Imersão no ambiente” (Informação verbal)³⁰.

Em autoavaliação sobre o domínio das tecnologias aplicadas à comunicação, os docentes se consideram: Bons (81,3%) e razoáveis (18,8%). Além disso, 50% afirmaram que a instituição em que trabalham oferece formação em tecnologia.

Todos os respondentes consideram que as tecnologias da informação/comunicação facilitaram a formação do jornalista. Nas palavras deles seguem as seguintes ponderações: “Sem dúvida facilitam, pois sem os estímulos ao uso de tecnologias digitais de comunicação e informação, os discentes dificilmente conseguiriam acompanhar as dinâmicas da prática profissional” (Informação verbal)³¹. “Usada da forma correta ela contribui e muito para a formação de jornalistas, mas aquele contato com a redação e convívio ainda se fazem fundamentais para que novos profissionais possam se formar” (Informação verbal)³². “É possível trabalhos on-line e colaborativos em tempo real sem estar no mesmo espaço e tempo” (Informação verbal)³³.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesses primeiros anos da segunda década dos anos 2000, é possível observar que os avanços tecnológicos têm impactado sobremaneira o jornalismo e sua formação em nível superior, remodelando o pensamento e a prática jornalística e apresentando novos desafios a serem enfrentados pelos jornalistas e os docentes que se dedicam à formação desses profissionais.

Remontando historicamente a construção do campo profissional do jornalismo e o ensino, verifica-se que o campo tem sofrido perseguições políticas que buscam enfraquecer a área. Num primeiro momento compreendendo de forma equivocada o Jornalismo como uma das habilitações da Comunicação, o que foi um retrocesso no sentido de pesquisas específicas da área jornalística; posteriormente, apostando que as instituições de ensino supririam a formação prática em seus laboratórios desobrigando estágio curricular; em seguida, atendendo às políticas neoliberais de incentivo ao crescimento de instituições privadas, que se dedicariam ao ensino do jornalismo, à revelia, desconsiderando o número de vagas muito superior ao número de postos no mundo do trabalho; e por último retirando a obrigatoriedade do diploma do jornalismo para o exercício da profissão.

²⁸ Resposta discursiva de respondente ao questionário aplicado pelas autoras desta pesquisa.

²⁹ Resposta discursiva de respondente ao questionário aplicado pelas autoras desta pesquisa.

³⁰ Resposta discursiva de respondente ao questionário aplicado pelas autoras desta pesquisa.

³¹ Resposta discursiva de respondente ao questionário aplicado pelas autoras desta pesquisa.

³² Resposta discursiva de respondente ao questionário aplicado pelas autoras desta pesquisa.

³³ Resposta discursiva de respondente ao questionário aplicado pelas autoras desta pesquisa.

Além disso, a evolução tecnológica possibilitou com que qualquer cidadão faça parte da arena da visibilidade, tornando-se produtores de informações. A nova praça pública observada por Vizeu³⁴ ganhou um novo alcance, bem maior e imaginável pelos visionários do pensamento comunicacional como Marshal McLuhan³⁵, Pierre Levy³⁶. Agora, estamos todos inseridos numa rede que se comunica em tempo real, num espaço interativo, multimidiático, produzindo informações. Os jornalistas e meios de comunicação tradicionais perderam o monopólio da informação. Figuras públicas e o cidadão comum não precisam da mediação desses para tornarem visíveis suas informações, opiniões. O diálogo social entre o cidadão comum e as figuras públicas se dão de forma direta, pelo *direct* do *instagram*, pelo *whatsapp*, por exemplo.

Nesse contexto, também, o jornalismo tem as bases teóricas, que o legitimava afetadas, quando a ideia de objetividade, verdade, imparcialidade passam a ser compreendidas como uma busca ideal e, talvez utópica. Sobre isso Castilho (2019, *s.p.*) afirma: “os valores da imprensa dos séculos XIX e XX não perderam validade, mas a estrutura de produção sobre a qual se apoia o jornalismo digital do século XXI tornou necessária e inadiável a adoção de novos conceitos e parâmetros ideológicos”.

É nesse sentido que os cursos de Jornalismo e os docentes que se dedicam ao ensino desse ofício têm demonstrado trabalhar, de acordo com o questionário aplicado neste estudo. Por meio dele foi possível dar voz aos professores de jornalismo de Goiânia, que em sua grande maioria reconhecem o esforço das instituições de ensino e seus esforços como docentes em acompanhar os avanços tecnológicos, embora alguns considerem também que esse processo tem ocorrido de forma lenta. Eles citam como exemplo disso a readequação de matriz curricular, oferta de oficinas e workshops sobre as temáticas que giram em torno da evolução tecnológica e seus impactos na área.

Mas, alguns professores chamaram a atenção para o fato de ainda persistir formas de fazer tradicionais e o quadro docente ser formado por professores antigos e formados em áreas correlatas ao jornalismo, como sendo obstáculos à formação mais atualizada dos discentes. Além disso, citaram a necessidade de docentes especializados.

A maioria dos docentes consideram que dominam o uso das tecnologias e que elas facilitaram o ensino do Jornalismo. E todos acham importante a formação dos discentes no uso das tecnologias, sendo a análise de dados e a compreensão de ferramentas tecnológicas, as habilidades mais votadas como indispensáveis ao futuro jornalista. Em relação à compreensão de que a Educação a Distância pode contribuir para o letramento digital dos discentes, os professores se dividiram em suas opiniões. Alguns, aproveitaram a questão para desabafar sobre o sucateamento dos cursos e precarização do trabalho docente nessa modalidade.

Questionados sobre o que seria uma formação ideal em nível superior para os jornalistas atuarem no mundo do trabalho atual, diante dos avanços tecnológicos e evolução da inteligência artificial, destaca-se a seguinte reflexão:

Assim como é comum a nossa área da pesquisa uma interseção a formação de base poderia ter características mais transdisciplinares. Um currículo ideal ao meu seria aquele que desse condições do estudante ver disciplinas de núcleo comum da área do jornalismo e em um determinado momento do curso pudesse fazer opção por se

³⁴ Alfredo Vizeu é professor e pesquisador. Autor de *Telejornalismo: a nova praça pública*, Vizeu destaca o espaço jornalístico fazendo uma analogia à ágora grega, porém indicando mais que a exposição de ideias, o telejornalismo dá visibilidade a elas.

³⁵ Marshal McLuhan, teórico da comunicação considerado visionário, dentre seus vários estudos e pesquisas relevantes, cunhou o termo aldeia global, conceituou meios quentes e frios e o meio é a mensagem.

³⁶ Pierre Levy, filósofo e sociólogo, teórico também visionário desenvolveu o conceito de rede, sendo pioneiro no estudo da cibercultura.

especializar em uma determinada área de atuação passando por um conjunto de disciplinas da área da comunicação em PP, RP, MKT e até em relação direta ou indireta com outros cursos, como Direito, Inteligência Artificial, Administração, Recursos Humanos, Saúde, Arquitetura entre outros. Todas as áreas do conhecimento e da vida prática prescindem essencialmente da comunicação. Dar condições de adaptação de currículo para o estudante de acordo com sua história, trajetória de vida e objetivos futuros é essencial para que o mesmo estude com motivação, foco e propósito. Estudar uma série de disciplinas das quais se terá somente a experiência de uma disciplina de 64h pode ser importante para dar visão do que é e como faz, mas se aquilo não tiver utilidade no futuro (teórico e prático) não fará sentido na formação desse indivíduo. É sobre isso, que penso a respeito desse tema. No geral observo como relevante o estudo proposto pela senhora por abordar as transformações em cursos e desafios que nós jornalistas enfrentamos na front da docência, enquanto aluno e no mercado nas diferentes frentes de atuação profissional. (Informação verbal)³⁷.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Tatiana Carilly Oliveira. **Ensino do Telejornalismo em Goiás: formação acadêmica como garantia da qualidade da informação telejornalística comprometida com o exercício da cidadania?** Goiânia, 2011. 140f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia, Universidade Federal de Goiás.
- _____. **O saber do jornalismo** [manuscrito]. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, 2015. Orientador: Prof. Dr. José Ternes.
- BELLONI, Isaura. A educação superior dez anos depois da LDB/1996. In: BRZEZINSKI, Iria (Org.). **LDB dez anos depois: reinterpretação sob diversos olhares**. São Paulo: Cortez, 2008.
- BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, v. 134, n. 248, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27834-27841.
- _____. Ministério da Educação. **Portaria No 492/2001**, de 03 de abril de 2001. Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. **Diário Oficial da União**. Brasília, p.16 e 17, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>. Acesso em 14 de dezembro de 2023.
- _____. Ministério da Educação. **Portaria No 203, de 12 de fevereiro de 2009**. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo. Relatório da Comissão de Especialistas instituída pelo Ministério da Educação. Brasília, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/documento_final_cursos_jornalismo.pdf> Acesso em: 13 de dezembro de 2023.
- _____. Ministério da Educação. **Resolução n. 1, de 27 de setembro de 2013**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado. **Diário Oficial da União**, Brasília, p.26, 01 out. 2013. Seção 1.
- CANAVILHAS, João. **"Do gatekeeping ao gatewatcher: o papel das redes sociais no ecossistema mediático."** In: 3º Congresso Internacional Comunicação 3.0, 2010, Universidade de Salamanca. Disponível em: <https://campus.usal.es/~comunicacion3punto0/comunicaciones/061.pdf>. Acesso em: 18 outubro de 2023.

³⁷ Resposta discursiva de respondente ao questionário aplicado pelas autoras desta pesquisa.

CASTILHO, Carlos. (2019, 27 de outubro). **O jornalismo vive o conflito entre novas tecnologias e velhos valores**. Medium. Disponível em: <https://ccastilho.medium.com/o-jornalismo-vive-o-conflito-entre-novas-tecnologias-e-velhos-valores-6576299aca1d>. Acesso em 05 de outubro de 2023.

DUARTE, Jorge. Entrevista em Profundidade *in*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnica de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2011.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo**. A saga dos cães perdidos. 2o ed. - São Paulo: Hacker Editores, 2002.

OLIVEIRA, Michelle Roxo de (2023). A trajetória dos currículos mínimos no Brasil para os cursos de jornalismo/ comunicação: perfis formativos e modelos em disputa. In: PÔRTO JR., Gilson; ORMANEZE, Fabiano (Orgs.). **Ensino de jornalismo na contemporaneidade: perspectivas e provocações** [recurso eletrônico] / Palmas, TO: Observatório Edições. Disponível em: http://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/4831/6/Livro%20Ensino%20de%20Jornalismo_2023.pdf. Acesso em 20 de dezembro de 2023.

ORMANEZE, Fabiano; JÚNIOR, Francisco Gilson Rebouças Porto (2023). **Prefácio**. In: PÔRTO JR., Gilson; ORMANEZE, Fabiano (Orgs.). **Ensino de jornalismo na contemporaneidade: perspectivas e provocações** [recurso eletrônico] / Palmas, TO: Observatório Edições. Disponível em: http://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/4831/6/Livro%20Ensino%20de%20Jornalismo_2023.pdf. Acesso em 20 de dezembro de 2023.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **O Mundo dos Jornalistas**. Rio de Janeiro: Summus Editorial, 1993.